

# APRESENTAÇÃO

por **Guilherme Lavinias Jardim Falleiros**<sup>1</sup>

É um prazer cooperar com a edição do segundo número de uma revista cuja proposta é tão peculiar e inquietante: colocar a fé e a religiosidade em discussão a partir de pontos de vista libertários, sobretudo por parte daqueles que, renitentes, permanecem acreditando. Uma proposta que traz a religiosidade, especialmente a cristã, a seu princípio: o do questionamento, do debate, da instabilidade. Que faz da chamada “heresia” o princípio constituinte da fé. E que faz lembrar do potencial revolucionário e transformador do profetismo messiânico.

Esta cooperação teve como interesse primeiro a contribuição que uma visão antropológica poderia trazer ao debate político e religioso levantado pela revista. E um pouco dessa visão é o que se pretende introduzir aqui. Num sentido menos contemplativo e mais constitutivo da “visão” para a ação e para o mundo, muito próxima de uma fé, que não só move montanhas como as concebe, como se poderia dizer a partir de Clifford Geertz (1989).

Segundo o antropólogo Byron Good (1990), o sentido original de “crença” nas línguas européias remete-se a noções de lealdade, fidelidade e confiança. De modo que, trazer o questionamento à

---

<sup>1</sup> Guilherme Lavinias Jardim Falleiros é membro do coletivo Ativismo ABC, que autogere a Casa da Lagartixa Preta “Malagueña Salerosa”; é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e pesquisador do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo da mesma universidade. E-mail: [punkcanibal@gmail.com](mailto:punkcanibal@gmail.com).

própria crença só faz sentido quando se percebe, em algum lugar ou em alguém, uma quebra desta confiança. Há algo de errado com o mundo como ele parece tão bem concebido pela “visão de mundo” dominante, é preciso transformar de alguma forma o ponto de vista para com isso transformar também o mundo. E, nesse movimento, constituir renovadas e diversas alianças com quem está além deste mundo.

O que está errado pode ser, justamente, o rumo e as relações propostas por aqueles que, pouco a pouco, no processo de purificação e institucionalização, eliminam a própria possibilidade do debate, da dúvida, da tensão sempre presente em qualquer acordo, instaurando um cânone, fixando um poder. Porque, em qualquer acordo, há sempre uma mistura de confiança e desconfiança, interesse e desinteresse, liberdade e obrigação, como cunhara Marcel Mauss (2003) em seus estudos das formas de contrato e aliança através da dádiva. Assim, eliminar um dos pólos da aliança, transformando-a em pura obrigação, em confiança vendada, é transformar o acordo em dominação. Um tipo de relação – a dominação – perante a qual é preciso sempre nutrir a contrariedade, caso se tenha o mínimo de apreço pela liberdade.

Pierre Clastres (2003) percebera num outro profetismo que não o cristão, encontrado entre os “tupi-guarani” da América do Sul nos séculos XV e XVI, o princípio subversivo destruidor das normas sociais. Porque mesmo numa “sociedade contra o Estado”, constituída por líderes sem poder, o poder sempre arrisca instaurar-se. E contra a



autoridade cada vez mais crescente dos chefes, os chamados *karai* propunham uma fuga deste mau mundo, uma busca nômade de um novo mundo, uma nova terra, uma Terra Sem Mal. Uma terra vista quase além do alcance, uma visão quase cega por tanta luz.

Mas, segundo Clastres, a visão de um novo mundo que orientava a ação dos *karai* e de seus milhares de seguidores, dependia também de que o Mal fosse visível e presente. Dependia de que o Mal fosse visível na figura do Um, na figura ascendente da chefia como presença desta unidade. O paradoxo era que os próprios *karai*, capazes de congregar tantas aldeias, tantos povos, num movimento migratório unificado em busca da Terra Sem Mal, acabavam, contudo, germinando a tal unidade que se pretendia negar. Assim, para Clastres, parecia que ao negar o poder germinal da chefia, os *karai* plantavam um poder muito mais potente. Um poder suicida, contudo, já que a Terra Sem Mal estaria sempre mais distante do que se poderia alcançar.

Talvez aí se encontraria o grande valor desse profetismo: entre um poder e outro, entre um mundo e outro mundo, existe todo um caminho, todo um meio, meio que é a própria presença da contrariedade.

É nesse lugar, ou caminho, ou meio, que me parecem erigir as profissões de fé críticas que orientam o debate que a revista Espiritualidade Libertária pode promover.

Neste número, o dossiê sobre sexualidade e gênero localiza o caminho do desvio tanto na diversidade dos gêneros quanto na diversidade dos trilhos que o sexo e o gênero podem seguir.

Aliás, David Matzko é ainda mais intermediário ao se opor à classificação das uniões homossexuais como desvios: para entendê-las, prefere tratá-las como “anomalia”, um meio termo entre “norma” e “desvio”. Prefere o caminho do meio para entender, na prática (isto é, sem negar o cânone do casamento enquanto forma de amor conjugal e procriação) o “inesperado” e contudo, “natural”. Enfim, reafirma o essencial: que para fazer acordos de fé e fidelidade, necessitamos uns dos outros.

Felipe Lins, num outro caminho, o da linha férrea, traz sua experiência prática de campo nos trens, mostrando como no caminho da casa para o trabalho pode-se experimentar profissões de fé protestantes, em luta por seu espaço no espaço público brasileiro dominado, comumente, pela fé católica. Nessa luta, sob lideranças masculinas, mostra como podem despontar lideranças femininas contrariando a proeminência do gênero masculino no espaço canônico dos templos.

Desviando do dossiê, o artigo de Ched Myers aborda outra proposta subversiva e destruidora das normas sociais, o anarco-primitivismo, procurando pontos de encontro entre os textos bíblicos e esta teoria – ou teorias – e suas palavras que, paradoxalmente, são contra a própria palavra e o simbolismo. Vê em escritos bíblicos não o cânone de uma religião, mas uma resistência contra o império. Nessa



via, identifica elementos de recusa fundamental – recusa dos ídolos feitos, dos símbolos, do trabalho – no judaico-cristianismo que remetem, a meu ver, para um outro caminho, mais a oriente, conhecido como Tao, popularizado pela obra chinesa do Tao Te Ching.

Outra subversão inconformista é estudada por Elizabeth Scott a respeito dos anabatistas surgidos na Europa Central na era do reformismo cristão, que seguem seu caminho até hoje. Perseguidos pela Igreja e pelo Estado, por isso e contra isso, rumaram marginalmente em direção do que posso chamar, parodiando Clastres, uma Contra-Igreja e um Contra-Estado. Mas, aqui, propagam um messianismo sem líderes, sem *karaí*: uma “sociedade de mártires”. O que teria sido mal compreendido pela própria pesquisa histórica, de modo que, como “grupo”, os anabatistas não se deixam definir, nem canonizar.

Por um profetismo nascente em meio a um mundo em crise, uma crise moderna, em busca de um novo mundo, Marcos Chastinet Júnior procura entender como o “princípio protestante” pode entrar em ação. Um princípio que seria a recusa de toda a autoridade e de toda instituição. Uma vigilância permanente, uma contrariedade contínua, que marcara a origem do protestantismo. Um protestantismo presente na própria mensagem de Cristo, de modo que se faz necessário um retorno a essa origem, contra o progresso. Um progresso que é o progresso da institucionalização.

Num ponto extremo do progresso brasileiro, Marcílio Mendes questiona a guerra do Estado “contra o tráfico” de drogas e seu suposto poder de “pacificação”. De fato uma guerra contra a liberdade dos supostos “libertos” da escravidão e contra muitos outros que buscavam uma “terra de oportunidades” e, no fim do caminho, encontraram o mal.

Enfim, Silas Fiorotti, grande líder sem poder da revista Espiritualidade Libertária, faz uma resenha do livro de Vítor Westhelle, identificando na obra deste autor brasileiro a percepção da heresia como (para voltar ao que foi dito no início deste texto) o princípio mesmo de Cristo, que o levou à martirização na cruz. Radicalizar a palavra e ao mesmo tempo transgredi-la, parece ser este o paradoxo do caminho messiânico. Assim, para além de qualquer discurso sistematizado, resta apenas um modo de vida, sempre transformado face à morte, face à cruz.

### **Referências bibliográficas**

- CLASTRES, P. (2003) [1974], *A sociedade contra o Estado*. São Paulo: Cosac & Naify.
- GEERTZ, C. (1989) [1973], *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- GOOD, B. (1990), *Medicine, Rationality and Experience*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MAUSS, M. (2003) [1950], *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.